

PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº ____/2024

Concede o Título de Cidadão de Santa Cruz do Capibaribe ao Ilmo. Sr. Maurício Cabral da Silva.

A Vereadora, **Jéssyca Monica de Lima Cavalcanti**, na qualidade de representante do Poder Legislativo de Santa Cruz do Capibaribe, estado de Pernambuco, no uso das suas atribuições legais, submete à apreciação dos Vereadores desta Casa, o seguinte Projeto de Resolução:

Art. 1º Fica concedido o Título de Cidadão de Santa Cruz do Capibaribe a Ilmo. Sr Maurício Cabral da Silva.

Art. 2º A Presidência desta Casa Legislativa designará data, conforme disponibilidade do homenageado, para realização de sessão solene e festiva para entrega do pergaminho ao ilustre homenageado.

Art. 3º Esta Resolução entra em vigor na data de sua aprovação, ficando revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 01 de maio de 2024.

Jéssyca Monica de Lima Cavalcanti
Vereadora



BIOGRAFIA

Maurício Cabral da Silva, nascido no dia 09 de maio de 1985 no sítio “Mocotó” pertencente ao município de Surubim – PE. Filho de Damião Cabral da Silva e Maria Leonice da Silva; agricultores. Com outros sete outros irmãos, fui educado através do esforço dos pais estimulando a estudar no ensino público, pois era o único meio que podiam oferecer aos seus oito filhos. Cheguei a passar fome e a pedir esmola com minha mãe e irmãos por um tempo de minha vida quando meu pai foi operado de vesícula e ficou sem poder trabalhar ou fazer algum “bico”. Sempre trabalhei com seus pais desde pequeno juntamente com outros irmãos auxiliando na renda dessa grande família. Procurei sempre me esforçar nos estudos, visto que ainda precisava conciliar com o trabalho. Quando tinha em torno de oito anos, meu pai decidiu procurar melhorias e alguma outra forma de conseguir mais algum dinheiro para sustentar a família em Santa Cruz do Capibaribe, pois ele sabia que nesta cidade teria muitas oportunidades para ele e meios para os filhos também ajudarem. Inicialmente eu acompanhava meu pai vendendo picolé pela cidade e ao mesmo tempo que me apresentava a cidade caso eu viesse a me perder. Meu pai decidiu vir morar na cidade para poder trabalhar e ter emprego para seus filhos. Foi, então, que meu pai construiu uma carroça de madeira para mim e para meu irmão Jailson, enquanto conseguia emprego de doméstica para minhas irmãs Zilda e Marinalva. Comecei a carregar frete na feira de frutas aos nove anos de idade; agora conciliando essa atividade em alguns dias da semana com os estudos escolares. Quando eu tinha, meu pai comprou um terreno no bairro do Santo Agostinho, onde ele pensou levar a família para morar; construir um barraco de lona para depois ir construindo a casa aos poucos. Ao chegarmos com os pertences, alguns móveis e um irmão de “colo”, meu pai encontrou uma casa abandonada na penúltima rua do bairro. A casa só tinha lixo, bitucas de cigarro de usuários de drogas e ainda servia de banheiro, uma vez que muitas pessoas lá residentes naquele tempo não tinham seu banheiro em casa. Ao invés de fazer suas necessidades “no mato”, utilizavam esta casa. Foi, então, que meu pai resolveu limpar essa casa e bater um piso de barro batido onde moramos por aproximadamente dez anos. Fomos morar, assim, numa casa sem reboco e piso de barro batido ao invés de morar num barraco de lona. Iniciei a quarta série agora morando no bairro do Santo Agostinho na Escola Municipal Lindalva Aragão de Lira. Conheci na minha turma muitos colegas os quais somos amigos até os dias de hoje. Foi nessa turma também que conheci mais a fundo uma professora que se tornou o marco de muitas mudanças. Eu tive na professora Luciene Cordeiro uma luz a guiar minha vida para novos horizontes e a mostrar que o mundo de possibilidades vai muito mais que aquele mundo alcançado até aquele momento. O ano letivo seguinte precisei sair do Santo Agostinho; me deslocava para a Escola Maria Lúcia Alves numa “Toyota” que o município disponibilizava para levar alunos para estudar em outros bairros ou no centro da cidade. Foi na escola “Maria Lúcia” que precisou vencer outros obstáculos, ensino mais avançado, novos professores (não apenas um professor como vinha até então) e colegas novos a conhecer. Na escola “Maria Lúcia” estudei da quinta série e sexta série. Quando estava por estudar a sétima série, a escola do Santo Agostinho começou

CASA DR. JOSÉ VIEIRA DE ARAÚJO

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE - PE

Rua Manoel Rufino de Melo, 100/ Centro / CEP: 55192-315 / Santa Cruz do Capibaribe - PE

Fone: 81 3731-3084 / e-mail: camaradevereadores@santacruzdocapibaribe.pe.leg.br

www.santacruzdocapibaribe.pe.leg.br

a oferecer ensino aos alunos de quinta série a sétima série. Fui o aluno da primeira turma de sétima série do bairro, que, em seguida, essa mesma turma se tornou a primeira turma de oitava série do bairro. Já findando a oitava série, o diretor chegou para nossa turma para orientar que os anos letivos seguintes seriam outra vez nos bairros do centro de Santa Cruz. Nos foram dadas como opções de ensino médio a escola Dr. Adilson Bezerra de Souza e a escola Padre Zuzinha. Pensei muito em fazer “esse tal de magistério” na escola Padre Zuzinha, pois o que se sabia era que quem fizesse seria para “ser” professor. Como grande maioria de meus colegas ou como “Maria vai com as outras” ou medo de ficar sozinho em uma escola tão distante em período noturno ou de precisar estudar em horário diurno atrapalharia eu trabalhar comprometendo a renda da família, fui cursar o ensino médio na Escola Estadual Dr. Adilson Bezerra de Souza. Todo esse tempo tive que conciliar os estudos e trabalhar os outros expedientes em casa como carregar frete em dias de domingo na Rua do Rio e do Mercado de Farinha e nas segundas feiras na avenida Padre Zuzinha; nos outros dias da semana eu ainda trabalhava no bairro Santo Agostinho carregando água em um tonel de alumínio numa carroça de burro para vender aos moradores do bairro. Isso aconteceu durante muitos e muitos anos; começando sempre cedo do dia e sem hora para acabar. Sempre fiz trabalho pesado e muito cansativo, porém não podia parar porque também não tinha outra opção de trabalho. O pensamento em Deus a pedir que um dia essa realidade mudasse era constante, pois não seria possível uma família sofrer tanto e sem oportunidades. Sempre mantive contato com a professora Luciene mesmo na feira quando conseguia pegar o frete dela com suas irmãs, eu era indagado sobre se gostava de estudar, se pensava em fazer uma faculdade, sobre que profissional queria ser algum dia. Passagens marcantes e nunca esquecidas. Trabalhei também por alguns anos num fabrico de lacinhos de lingerie em que fazia a contagem e embalamento em saquinho plástico com cem lacinhos em cada saquinho. Emprego ofertado por uma “freguesa” da feira (Dona Lourdes) para trabalhar no fabrico de seu filho (Júnior). Pessoas queridas! O ensino médio foi outro novo desafio onde um ônibus levava os alunos saindo às 17:30 e levava às escolas. Durante o tempo do percurso, aproveitava para fazer alguma leitura extra tentando compensar um tempo sempre pouco. É dado início a novos estudos para aprofundar os conhecimentos numa escola de ensino público em que os professores precisam dar um jeito de oferecer o máximo de conteúdo mesmo com as dificuldades dos alunos em acompanhar as aulas e sem apoio ou incentivos dos governos. Aos “trancos e barrancos, foi-se o primeiro ano do ensino médio e sempre conciliando estudos, “emprego”, frete na feira livre e carregando água em carroça de burro. Quando iniciei o terceiro ano do ensino médio ainda não sabia qual caminho percorrer. É um pensamento comum entre os colegas que ao “terminar os estudos” (ensino médio) o jeito era voltar para costurar em casa. Um caso perdido aqui ou acolá se ouvia algo sobre seguir estudando para seguir uma profissão. Apareceu um cartaz de vestibular na recepção da escola que a maioria não entendia sobre o que se tratava. Um dia, ao chegar em casa após jornada de trabalho, um homem havia ido a casa de meus pais. Se apresentou, falou ser um médico da cidade e começou uma conversa bonita dizendo que queria ajudar um aluno pobre e que quisesse estudar, ser “alguém na vida” como se costuma dizer. Falou que recebeu indicação da professora Luciene Cordeiro e queria muito conhecer o rapaz chamado Maurício. Durante a conversa com seus pais, o médico perguntou como era a vida família, como trabalhavam e geravam a renda para sustento de todos, quantos filhos,

se todos estudavam. A pergunta principal saiu! Se Maurício para de trabalhar e ficar se dedicando apenas aos estudos, vai faltar a comida para a família? Se vocês permitirem, eu quero ajudar o Maurício até se formar. Foi aí que meus pais se olharam e pensaram; está aqui na nossa frente uma oportunidade que nunca poderíamos dar a nosso filho. Nós não temos renda garantida, vamos passar por dificuldade em casa sim, mas vamos fazer esse sacrifício. Se for da sua vontade em ajudar nosso filho, nós aceitamos sim. Isso aconteceu em meados de 2003. Eu já estando no terceiro ano do ensino médio recebo a visita desse médico que chega na porta da sala de aula e chama procurando pelo aluno Maurício Cabral. Ele se apresenta como Dr. Silvanio, morava em Maceió, com pais residentes em Santa Cruz e que recebeu indicação do meu nome através de sua amiga professora Luciene. Já era sabido um pouco sobre o motivo da visita, mas esse encontro pessoal foi importante para se firmar a conversa e a possibilidade de se dedicar exclusivamente aos estudos e se preparar para o vestibular. Um susto foi inevitável! Quem é esse médico que vem até mim com uma proposta tão boa? Será que ele quer algo em troca? Vai cobrar tudo isso em algum momento? Essas e outras perguntas surgiram naquele momento, mas seja o que Deus quiser! A resposta foi SIM! Eu quero essa oportunidade! Eu quero poder só estudar e um dia ter uma formação, uma profissão. Desde então Dr. Silvanio me acompanhou através de muitas orientações, indicações de livros a estudar como também designou meus pais como meu vigia; ficar de olho para que eu não perdesse o foco dos estudos. Jovem ainda com 18 anos, o que não faltaram foram empecilhos para atrapalhar o que fora combinado. Meus irmãos não entendiam e me chamavam para fazer favores; os amigos o chamavam para limpar a igreja ou fazer passeios; os colegas do bairro o chamavam para tocar na banda marcial da escola. Tudo isso foi relatado a Dr. Silvanio pelos meus pais vigilantes e diziam: pois Maurício não está tão focado se deixando levar por essas coisinhas. Dr. Silvanio, prontamente, me chamava para conversar. Dizer que não é difícil só estudar; não é difícil só trabalhar, mas difícil mesmo é trabalhar e estudar. Ele teve que superar tudo isso, pois só poderia estudar trabalhando e eu estava tendo a oportunidade de só estudar, algo que só poucas pessoas tinham essa regalia. “Só os filhos dos ricos conseguem só estudar e não precisar trabalhar. É muito importante entender isso para também valorizar cada momento estudando, pois o tempo não pára, o tempo não volta. Quanto mais não se entender isso, vai demorar a conseguir seus objetivos. Precisa superar as suas dificuldades de anos estudando em escola pública e chegar ao nível daqueles alunos que sempre tiveram educação escolar de alto nível e que terminam o ensino médio preparados para fazer uma prova de vestibular. Após concluir o ensino médio da escola Dr. Adilson, ainda não me sentia preparado e busquei fazer preparatórios pré-vestibulares. Inicialmente fiz o cursinho oferecido pela prefeitura nos primeiros 6 meses e, no restante do ano, Dr. Silvanio pediu um desconto no Cursinho do Menino Jesus. Ao término desse ano, prestei provas de vestibular, conheci um pouco como eram as provas, o nível das questões. Não obtive nenhuma aprovação. Mas ainda não é tempo para desistir. Persisti e continuei no Cursinho do Menino Jesus por mais um ano e outra vez prestei as provas dos vestibulares da Paraíba e de Alagoas. Percebo que ainda não estou preparado o suficiente e outra vez não consegui nenhuma aprovação. Dr. Silvanio ainda morava em Maceió e veio propor aos pais de Maurício ir morar em Maceió também para estudar nos melhores preparatórios pré-vestibulares. O momento não fácil porque além do isolamento em se dedicar aos estudos precisaria sair para outra cidade longe da

família. Como seria daqui para a frente? Sem estar perto dos pais e dos irmãos. O objetivo falou mais alto e acabou viajando para Maceió. Dr. Silvanio fez uma ligação para o orelhão perto da minha casa. Deixou um recado para eu ir aguardar a ligação dele de volta, pois precisava muito conversar comigo para decidir como seria daqui pra frente. Ele disse: não dá mais para você continuar estudando em Santa Cruz; eu acho melhor você vir morar aqui em Maceió para estudar nos cursinhos de Maceió. Assim deixou o dinheiro da passagem do ônibus. Conversei com meus pais e sai para Caruaru pegar o ônibus da PROGRESSO até Maceió, onde Dr. Silvanio foi me encontrar na rodoviária. A ida para Maceió traria para Dr. Silvanio todas as minhas despesas e necessidades para eu continuar estudando. Então ele buscava que seu sempre tivesse o básico e essencial para nunca faltar e eu não me preocupar com alimentação e moradia. Silvanio já tinha conversado um aluno da faculdade para dividir apartamento e assim pagar metade de um aluguel. Buscou também conversar com o dono do Cursinho Pré-Vestibular do CONTATO para contar minha história e necessidade de estudar no melhor cursinho do estado e poder chegar ao nível de passar no vestibular. O dono, professor Ernesto, homem sério de um coração bom, prontamente deu um desconto e lá já fiquei matriculado e começar a estudar com os melhores professores que se podia ter. A jornada estava começando; pois a nossa vida tem ciclos e ali estava começando outro. Morando em Maceió, estudando no preparatório Pré-Vestibular CONTATO à noite e pelo dia eu seguia um horário rigoroso comigo mesmo. O apartamento ficava quase no mesmo quarteirão da faculdade UNCISAL. Eu acordava às 6h da manhã, preparava meu café e às 7h já estava na biblioteca da faculdade, onde já almejava estudar, e saía às 12h para ir em casa almoçar. Ao chegar em casa, esquentava a comida que fora preparada no fim de semana e congelada para durar a semana inteira. Seguindo o cronograma do dia, às 13h voltava à faculdade para estudar os conteúdos programados, pois às 17h30min é hora de sair para casa, tomar banho, jantar, pegar o ônibus até o cursinho, que vai das 19h até 22h. Hora que saía do Cursinho para pegar o ônibus de volta para casa. Essa foi uma rotina cumprida todos os dias fazendo chuva ou sol durante o tempo que fiz cursinho pré-vestibular. Após três meses que estava morando em Maceió, Dr. Silvanio voltou a Santa Cruz para visitar seus pais e aproveitou para visitar seu Damião e dona Cida, meus pais. Ele chegou dizendo que estava tudo bem e que Maurício estava estudando bastante. Ao chegar de volta a Maceió, Dr. Silvanio contou que ao chegar à casa de meus pais, minha mãe foi logo perguntando: Cadê Maurício? Ele não veio? Ao perceber que não, começou a chorar uma vez que já estava aguardando a bastante tempo a minha visita de retorno. Minha mãe se sentiu apreensiva tanto tempo longe do filho. Os meses e anos se passaram e as visitas a meus pais aconteciam a cada dois ou três meses; até para rever os pais, irmãos e os amigos no bairro do Santo Agostinho e de Santa Cruz. Ao término do ano, Dr. Silvanio voltou a conversar comigo para decidirem fazer vestibular em Maceió e em Campina Grande, onde obtive aprovação na primeira fase das provas. O ano acabou e volta-se a pensar como seria. O conhecimento é ilimitado e ainda não estava sendo suficiente para naquele momento eu obter a aprovação no vestibular. Eu me sentei para conversar com Silvanio. Analisar o que estava faltando, ver as dificuldades que eu apresentava e os pontos a ser melhorados caso eu ainda quisesse insistir em continuar os estudos para passar no vestibular de medicina. Logo de cara Silvanio perguntou: Quer desistir e voltar para casa, viver com seus pais e seus irmãos, trabalhar carregando frete ou tirando ponta de

linha? Ou você quer continuar aqui estudando mais um ano estudando na biblioteca, no cursinho e também fazer alguma isolada naquela disciplina mais importante e que você tenha mais dificuldades. Eu estava vendo meu crescimento nos estudos, minhas notas melhorando, já conseguindo identificar as dificuldades e os assuntos que eu ainda não estava totalmente seguro ou dominar. Silvanio falou que se eu desistir vai me mandar de volta para casa, mas se eu quiser continuar, eu teria o apoio dele em 100%. Eu tenho mil motivos para não desistir; eu tenho meus pais que esperam em mim alguém que se orgulham de todo esforço que fizeram para me criar, ter feito tudo que podiam para que seus filhos tivessem o que nunca tiveram, tenho irmãos para ser exemplo e um dia poder ajudá-los de alguma forma. Eu disse SIM. Eu vou continuar estudando até chegar o dia da minha aprovação. Peço a Deus poder compensar a meus pais por tudo que fizeram por mim.

